



Um podcast original da Rádio Novelo

Episódio 34

Folclore moderno

Branca Vianna: Tá começando mais um episódio do Rádio Novelo Apresenta. Eu sou a Branca Vianna.

Às vezes a gente tem a ideia de que folclore, tradição oral, essas coisas todas tão presas no passado. A gente acha que dá até pra adaptar ou pra ajustar as histórias que são passadas pra frente – mas parece quase impossível imaginar que elas sejam inventadas, ou transformadas, aqui e agora. Na luz fria da modernidade. Longe da rodinha em volta da fogueira.

Mas o folclore é vivo por natureza. Ele não tá numa redoma. E isso pode ser bom ou pode ser ruim. Se um povo se define – pelo menos em parte – pelas histórias que ele conta... então o que as histórias que a gente deixa de contar dizem sobre a gente? O narrador do primeiro ato de hoje é o Tiago Rogero.

ATO 1

Tiago Rogero: Essa história começa num tempo em que pessoas brancas e ricas colocavam pessoas negras pra fazer o trabalho que elas não queriam fazer.

Andriolli Costa: A Isaura, ela era uma mucama.

Tiago Rogero: Uma escravizada. Isso foi antes da abolição.

Mas, apesar do nome e da condição de escravidão, essa não é aquela "escrava Isaura" que cê provavelmente já ouviu falar. Diferentemente da protagonista do livro do Bernardo Guimarães, aquele lá de 1875 que depois inspirou novela e tudo mais, sobre uma escrava branca. A escravizada desta história aqui, a Isaura, era negra.

Andriolli Costa: E ela era obrigada a toda noite fazer cafuné na sinhá enquanto a sinhá rezava o terço.

Tiago Rogero: A sinhá, o nome dela era Dona Cândida, era muito religiosa e gostava de rezar o terço toda noite antes de dormir, talvez pra pedir perdão a Deus pelo fato de escravizar seres humanos. Mas isso sou eu que tô imaginando, não dá pra saber exatamente por que que ela rezava, mas ela rezava.

Andriolli Costa: E invariavelmente a sinhá dormia no meio do terço...

Tiago Rogero: E a Isaura tinha que ficar lá parada em pé, atrás dela...

Andriolli Costa: fazendo cafuné até a sinhá acordar e terminar o terço.

Tiago Rogero: Só que cada vez que a sinhá dormia ela perdia a conta do terço. Você já rezou o terço? Pra cada bolinha do terço, pra cada conta, você faz pelo menos uma oração. A Dona Cândida tava rezando o Rosário. Só de Ave-Maria são duzentas. E cada vez que a sinhá dormia e perdia a conta, ela começava tudo de novo. E a Isaura lá.

Andriolli Costa: E uma noite a sinhá dorme rezando o terço e começa a ter um pesadelo com o Saci, e a sinhá começa a gritar no meio do sono: "Não, Saci! Não, Saci! Não, Saci!".

Tiago Rogero: Saci Pererê; o ícone, a lenda. O Saci do pesadelo da Dona Cândida era, abre aspas, "barrigudinho, muito pretinho, de pele reluzente", fecha aspas. Ele tinha o gorro vermelho e tinha as duas pernas, mas uma era, abre aspas, "atrofiada". E daí ele andava aos saltos fazendo piruetas, mas num pé só. No sonho, o Saci puxava a roupa dela, puxava o terço. Tava fazendo um salseiro.

Andriolli Costa: E aí daqui a pouco só se ouve aquele eco na casa de um tapa muito alto. E a sinhá grita "aaaahhh!", e todo mundo vem correndo. "O que aconteceu, o que aconteceu?" E a Isaura explica: "O Saci veio aqui, deu um tapa na cara da senhora e disse para a senhora nunca mais dormir enquanto reza o terço".

Tiago Rogero: Muito bom.

Tiago Rogero: A Dona Cândida nunca mais dormiu rezando o terço.

Andriolli Costa: E o final desse depoimento é a Isaura falando:

Tiago Rogero: Falando pra uma outra escravizada:

Andriolli Costa: Qual Saci que nada...

Tiago Rogero: "Saci foi essa mão que tá aqui. O diabo da veia não deixava a gente dormir". Sim, esta aqui é uma história sobre Saci. E sobre como talvez ele esteja correndo o risco de sumir.

E a ideia surgiu depois que eu conheci o Andriolli Costa, esse que cê tava ouvindo. Ele é professor de Jornalismo da Universidade Estadual do Rio de Janeiro e também é... Bom, deixa ele contar.

Andriolli Costa: Eu sou jornalista, pesquisador, podcaster e, claro, Saciólogo, né? Não confundir com sociólogo, é saciólogo mesmo, que é aquele que estuda os Sacis. Essa, claro, é uma brincadeira, né, uma palavra que foi criada e proposta pelos meus amigos da Sociedade dos Observadores de Saci, que é uma ONG que surgiu em 2003, lá em São Luiz do Paraitinga, no interior de São Paulo, e à qual sou filiado desde 2008. Eu sou o membro de número 903 e tenho inclusive uma carteirinha, uma carteirinha impressa aqui, que eu carrego sempre comigo, que me dá o direito de observar Sacis a qualquer hora, a qualquer momento, sem com isso ter o meu direito impedido.

Tiago Rogero: Depois entra lá no site da Rádio Novelo e dá uma olhada na foto dessa carteirinha.

Andriolli Costa: Nasci em Campo Grande, Mato Grosso do Sul. Meu pai, especificamente, ele é de Terenos, e é ali que fica a chácara dos meus avós.

Tiago Rogero: E o Andriolli sempre, desde pequeno, ouvia muita história de Saci.

Andriolli Costa: E sempre que eu ia com meu pai ele apontava, eu bem criança, ele apontava: 'O Saci me perseguiu aqui', 'aqui eu escutava o assobio dele sempre que eu abria a porteira e batia ela forte', 'aqui, é, eu caí de bicicleta e eu escutava ele atrás'. Eu fui percebendo, né, conforme eu crescia, que meu pai não estava contando uma história simplesmente pra distrair uma criança, pra entreter uma criança. Ele estava partilhando comigo uma experiência de vida, algo que era marcante pra ele e que ele queria passar pra mim. Então aprendi com meu pai que Saci não era coisa de criança, como talvez algumas pessoas pensem. Eu aprendi que Saci era coisa de ser humano, de brasileiro, né, no mínimo. E isso sempre me fascinou.

Tiago Rogero: Daí que faz uns 15 anos que o Andriolli começou a pesquisar culturas populares, especialmente o Saci. E desde 2015 ele divulga toda essa pesquisa no site "Colecionador de Sacis".

Andriolli Costa: O Saci é uma força, né? O Saci é uma força indomável. Imagine o vento. O vento, ele não é possível de ser parado, né, controlado, impedido. E o Saci, ele tá dialogando diretamente com esse tipo de força, né? É difícil nomeá-lo, né?, mas a gente pode dizer que ele é um mito, que ele é uma entidade, que ele é uma criatura, enfim. Ele tem se apresentado de diversas formas aí ao longo da História do Brasil. Mas se a gente for pensar numa narrativa canônica pro contador de histórias, normalmente ele aparece como um duende, é, negro...

Tiago Rogero: Apesar de eu nunca ter pensado no Saci como um duende, essa era mesmo a versão que eu conhecia, e meio que é a mais difundida mesmo.

Andriolli Costa: ...de uma perna só e que possui uma carapuça vermelha que lhe dá os seus poderes mágicos.

Tiago Rogero: O que eu não fazia ideia antes dessa conversa com o Andriolli é que existem outras formas de Saci.

Andriolli Costa: A gente tem Sacis que são de várias cores diferentes, que têm mais de uma perna; Sacis cujo poder mágico tá em outro lugar... E a gente vai chegar ainda na questão dos cabelos, né, que eu acho que é extremamente rico quando a gente vai chegando nas regiões de fronteira, por exemplo: fronteira argentina, fronteira com Paraguai, a gente encontra sacis ruivos, sacis loiros, né, e tem motivo pra isso.

Tiago Rogero: Saci loiro. Saci ruivo. Em Santa Catarina parece que tem Saci segurando copo Stanley também. Tô brincando.

Andriolli Costa: Lá no Paraguai, lá a gente encontra muito viva a figura do Jaci Jaterê. Veja que o nome é muito parecido, né? Saci Pererê, Jaci Jaterê. Só que a aparência é totalmente diferente. O Jaci Jaterê, ele é pálido. Branco como a lua. A descrição dele é como é se ele fosse fluorescente, porque ele é um fragmento da Lua. Ele é como se fosse o filho de Jaci, né, que é a Lua. E Jaterê seria pedaço, fragmento. Então, o Jaci Jeterê, ele é pálido, branco como a Lua, e tem os cabelos rubios.

Tiago Rogero: Rubio é loiro em espanhol.

Andriolli Costa: Só que, veja, nós estamos numa região fronteira ali em Mato Grosso do Sul, então 'rubio', você escuta e às vezes pode entender como ruivo, porque você não sabe espanhol. Então, na oralidade você vai construindo esse Saci-Jaci na sua cabeça. Eu, quando estive no Pantanal, a gente encontrava pessoas que tavam falando de Saci com duas pernas e ruivo; Saci com uma perna só, e com o cajado, que é um objeto de poder do

Jaci Jaterê. Não é carapuça. Saci com um olho só. Então a gente ia encontrando essa riqueza fantástica de versões.

Tiago Rogero: Já deu pra entender que tem Saci de vários estilos e penteados diferentes, né? Mas, no fim das contas, o tipo de relato mais comum envolve aquele que a gente já conhece mesmo: uma perna só, negro, com o gorro vermelho.

Andriolli Costa: Muitas vezes as pessoas, quando elas vão falar de um mito, elas tentam buscar uma origem definitiva, do tipo: 'Existiu esse ponto de nascença e depois, a partir daí, isso se desenvolveu'. E não é exatamente assim que funciona, né, nas histórias da mitologia, normalmente são vários influxos que vão transformando os mitos. Então, no caso do Saci, nós temos um input inicial que é entre os indígenas Guarani. Como era esse input inicial? Eu não sei porque não tem registro escrito.

Tiago Rogero: O primeiro registro escrito de que se tem notícia é de...

Andriolli Costa: 1859, no jornal Correio Paulistano. É um texto que chama 'Tradições Populares de São Paulo e Minas'. E nesse texto vai falar de um Saci que já é negro, que já tem uma perna só, mas que tem capacidade de ter formas variáveis.

Tiago Rogero: É um metamorfo.

Andriolli Costa: Então ele pode virar fogueira, virar barril, virar ser humano, virar pássaro...

Tiago Rogero: Não se sabe a autoria do texto porque ele foi assinado só como "C.". A letra você, ponto. Mas existe uma teoria de que teria sido um cara chamado Couto de Magalhães, que era um pesquisador de cultura popular. De todo modo, o que interessa aqui é o Saci.

Andriolli Costa: E nesse texto ele já é dito como sendo uma tradição das avós. Então a gente pode traçar o Saci, é, como sendo um mito originário de duas gerações atrás.

Tiago Rogero: Um mito que, como a gente já ouviu aqui, tem uma influência indígena, guarani.

Andriolli Costa: E a influência negra, lógico, ela vem com os escravizados. Eles trazem ali para o Saci especialmente duas grandes influências. Uma é Exu. Não tem como não pensar em Exu. Exu Mirim, que é uma entidade mais brincalhona. Exu é o dono do assobio, e ele empresta o assobio para o Saci. Então, assim, todas essas histórias de se você assobia num horário que não

deve, você vai ser castigado. Se você assobia na mata, faz barulho, tem história de Saci assim. E especialmente Ossain e Aroni. Muitos dizem que é principalmente por causa de Ossain/Ossanhê e Aroni que Saci só tem uma perna. É porque são orixás das matas e que muitas vezes a sua representação é de uma perna só.

Tiago Rogero: Tem tanta versão diferente pra origem do Saci que até o assobio varia.

Andriolli Costa: Tem dois principais, né? As pessoas falam ou que é um assobio muito alto, um assobio contínuo e muito alto. Seria... (assobia) Reto, só isso. E o outro, que é o canto do pássaro Tapera naevia, que tem vários nomes, né? Sem fim, Saci, Matinta Pereira... Que ele tem duas variações, uma, o assovio que parece simplesmente "Saci", que é [assobia] e outro que é o completo, né, que o assovio parece a onomatopéia de "Saci pererê" ou as suas variações, que é... [assobia]... Então veja que a gente consegue escutar muitas coisas. É uma onomatopéia. Então a gente pode escutar, "Saci... sem fim...". "Crispim...".

Tiago Rogero: E, bom, a gente já falou de influência indígena, africana. Já falou até de passarinho. Só que tem mais influência para essa conta.

Andriolli Costa: E a influência portuguesa, ela tá em dois aspectos principais. Um é a carapuça do poder mágico, a carapuça vermelha. Talvez vocês tenham essa iconografia muito fácil na cabeça de vocês, que é a dos duendes, gnomos. Esses elfos clássicos assim, que percorre toda essa iconografia européia.

Tiago Rogero: Daí que vem essa ideia do Saci como um duende. E o Andriolli disse que são dois aspectos que mostram essa influência portuguesa, né? O segundo aspecto é a...

Andriolli Costa:... atuação doméstica. Por quê? Veja que o Jaci Jaterê, ele atuava nas matas, Ossain Aroni também, especialmente nas matas. Mas Portugal tem uma tradição de duendes domésticos, que vão sumir com as suas coisas dentro de casa ou vão ajudar a arrumar coisas dentro de casa, ou, que vão entrar na sua casa pelo buraco da fechadura e vão bagunçar o seu sono, vão comer a sua comida. Então o Saci fica não sendo simplesmente das matas, mas também tendo essa agência dentro de casa, por influência portuguesa. Então temos ali essa influência dos três. Eu não quero parecer também que eu estou fazendo aquela...

Tiago Rogero: O mito das três raças...

Andriolli Costa: É, o mito das três raças... Porque, vejam bem, não foi pacífico. O Saci, ele não surge ali para fazer uma democracia racial. Mis uma vez, existem várias interpretações de Saci. As pessoas vão contando o Saci de várias maneiras. Algumas delas serão racistas, outras delas serão extremamente potentes. Vão evocar esse desejo de liberdade, de resistência. São histórias poderosíssimas, que eu acho que é isso que a gente tem que buscar: o Saci enquanto inspiração de liberdade.

Tiago Rogero: E essa é uma das complexidades que me interessam na figura do Saci. Porque ele costuma ser usado também de forma racista. Até mesmo nas escolas, o que traz uma camada de crueldade a mais pro racismo. É professor ou coleguinha chamando aluno negro de "Saci"; é peça teatral de escola que só escala menino negro pra um papel se for no de Saci, e por aí vai. Mas calma que tem mais camada nessa cebola.

Andriolli Costa: Em 1916, Lobato, ele tá andando em São Paulo, e aí lá tinha umas estátuas de uns duendes, de uns anões, na verdade.

Tiago Rogero: Lobato de... Monteiro Lobato.

Essa caminhada dele foi no parque Jardim da Luz.

Andriolli Costa: Ele olha aqueles anões todos cheios de casacos grossos e aí ele escreve um artigo já incomodado com isso. E ele falava: "Ah, não, mas a gente tinha que ter uma estátua com brasilidades aqui, porque um anão encapotado nesse sol escaldante, por que não um papagaio, um macaco, um curupira, um Saci?". E ali parece que é plantado um gérmen na cabeça dele mesmo. E aí Lobato começa a pensar Saci.

Tiago Rogero: Daí ele organizou até uma exposição e convidou um monte de artistas pra fazerem só representações de Saci, em 1917.

Andriolli Costa: No mesmo ano é que ele organiza "o inquérito sobre o Saci".

Tiago Rogero: O Monteiro Lobato era colunista do Estadão, o jornal O Estado de S. Paulo. E ele pediu pros leitores enviarem relatos de Saci. Um ano depois, ele publicou o livro "Saci-Pererê, resultado de um inquérito", com mais de 70 relatos. Aquela história que a gente contou no início, da Isaura que deu um tabefe na sinhá, é um desses relatos.

E eu acho curiosa a palavra que o Monteiro Lobato escolheu pra esse trabalho: inquérito sobre Saci. Era mais no sentido de enquete, porque ele tinha pedido histórias pros leitores. Mas considerando que "inquérito" hoje é uma palavra muito mais associada a questões policiais; considerando quem é o alvo preferencial da

polícia, e considerando quem era o Monteiro Lobato; eu não deixo de achar curioso isso. "Inquérito" sobre Saci.

Andriolli Costa: Lobato era um cara que vocês devem saber, né? Lobato, ele não era só racista, ele era um militante racista.

Tiago Rogero: Ele era um conhecido eugenista. Um supremacista branco. Do nível de elogiar a Ku Klux Klan, a organização supremacista e terrorista dos Estados Unidos.

Andriolli Costa: Então ele realmente é uma pessoa que a gente não tem que passar pano. A gente tem que compreender toda a perversidade do trabalho dele. Mas, dentro do inquérito, eu acho que é legal a gente colocar, temos outras vozes ali. Porque são pessoas que escreveram para Lobato. Aqueles depoimentos não são só de Lobato, não são textos de Lobato. São pessoas que escreveram, e tem pessoas negras escrevendo pra lá. Eu quero contar uma história então de Saci que ele vai evocar resistência. Eu quero contar uma história de Saci que vai nos levar a uma discussão antirracista. Eu quero contar uma história de Saci que vai nos levar a discutir a injustiça social e como que o Brasil foi fundado disso. É para isso que eu quero contar essas histórias. Eu não quero contar essas histórias para reforçar estereótipos.

Tiago Rogero: Você considera o Saci o principal ícone do nosso folclore?

Andriolli Costa: Eu considero. Mas eu sei o que as crianças pensam. Porque eu já estive, visitei muita escola, já participei de muita feira do livro. Eu sei que elas adoram mesmo é loira do banheiro.

Tiago Rogero: Na minha época de escola já tinha a loira do banheiro. Acho que varia de região pra região, mas no meu colégio, em BH, você evocava ela se desse três descargas na privada. Era muita água jogada fora e, pelo menos pra mim, ela nunca apareceu.

Andriolli Costa: Eu adoraria que o Saci fosse esse pop star junto às crianças, como ele já foi. Com certeza ele já foi. Mas hoje em dia é a loira do banheiro. Se você for de escola para escola, você vai ver que cada escola tem a sua loira do banheiro. Que às vezes é uma menina que estudava lá, que às vezes é a funcionária que trabalhava ali, trabalhava na cantina, uma faxineira. E, muitas vezes ela vai evocar uma narrativa de violência e feminicídio.

Tiago Rogero: No mundo cada vez mais urbanizado, os riscos mudaram e as histórias mudaram junto.

Andriolli Costa: E são histórias horríveis assim, de mulheres que sofreram violências e morreram no terreno da escola. E elas são narradas por crianças muito jovens falando sobre estupro, falando sobre todo tipo de violência. Eu entendo que essa é a grande diferença de quando a gente está falando de uma lenda urbana, e algo que não, né, que é uma lenda assim tradicional, por assim dizer. Que é: o "urbano" está evocando o imaginário da metrópole, os medos da metrópole. E aí a gente vai ter coisas que são ligadas a feminicídio muito forte. Há medos de sequestros, por exemplo, com muita força. Vai evocar o que essa sociedade teme, aspira, sonha.

Tiago Rogero: E aqui a gente chega num ponto em especial que eu queria tocar nessa conversa com o Andriolli. E algo que eu fiquei pensando desde que fiquei sabendo que ele é Saciólogo.

Eu não sei se você já leu um livro chamado "Deuses Americanos". Foi lançado em 2001 pelo Neil Gaiman, que é um escritor inglês. O livro virou série de TV também, em 2017.

Sem spoilers, a premissa é a seguinte: os deuses e outras figuras mitológicas existem meio que de verdade, quase que em carne e osso, mas só existem porque a gente acredita neles. Se a gente para de acreditar, eles deixam de existir. Morrem. E daí com o tempo alguns deuses antigos foram sumindo e dando lugar aos deuses da modernidade, tipo o deus da tecnologia e da internet. Sim, tem literalmente um deus da tecnologia e da internet, o nome dele é Technical Boy.

E aí eu queria saber se o Saci pode estar correndo esse risco de desaparecer. Não só por causa da urbanização, mas com esse mundo cada vez mais conectado e tudo mais. Você conhece alguém que ainda conta história de Saci? Você conhece alguma criança que acredita em Saci?

Andriolli Costa: Acho que aí tem duas coisas, né? Porque dentro do âmbito da cultura popular mesmo, eu entendo que a crença, ela é importante, mas ela é uma dimensão só. Porque, pra além da crença, existe o reconhecimento. Porque eu digo para as pessoas assim, que não interessa se eu ou você acredita em Saci, o que importa é que a gente olha para Saci, a gente sabe quem ele é. Tem um grafiteiro em São Paulo que é o Thiago Vaz.

Thiago Vaz: Bom, eu sou Thiago Vaz, né?

Andriolli Costa: ...que ele faz uma arte que muito provavelmente quem é de São Paulo já viu, que é o Saci Urbano.

Thiago Vaz: Então, o Saci Urbano, ele é uma figura, né, uma imagem, que eu trabalho essa imagem principalmente por meio do grafite, da arte urbana

nas ruas de São Paulo, na região do Grande ABC. A ideia é retratar a figura do Saci com aspecto urbano – com boina, né, essas boinas contemporâneas de cor vermelha, um short jeans, mas que eu, muitos falam que é um short jeans, mas eu falo que o tecido é brim e um tênis, que mais se assemelha a um all star ou um Converse cano alto com a sola característica e o pé dobrado.

Tiago Rogero: Entra no nosso site que tem também várias imagens das aparições do Saci Urbano.

Thiago Vaz: Nas ruas, no meio urbano, no espaço público aberto, onde as pessoas estão circulando, né, tentando atingir o máximo de pessoas possível e às vezes interagir com a aparição dele ali, ou trazer para uma reflexão.

Tiago Rogero: Por exemplo: tem um grafite do Thiago, de 2022, que mostra uma mulher negra, toda de branco, chorando. Ela tá gritando "Assassinaram o meu filho!". Sobre ela tá um manto de Nossa Senhora Aparecida, com a coroa e tudo, quase como se fosse uma imagem em segundo plano; no primeiro você vê o sofrimento de uma mãe negra, no segundo você vê ela como a Padroeira do Brasil. Como Maria, chorando o assassinato de Jesus. Ou então dá pra entender como se Nossa Senhora tivesse colocado o manto dela sobre aquela mãe. E o Saci Urbano tá ajoelhado aos pés dela, sofrendo com ela. O Thiago já perdeu as contas de quantas aparições do Saci Urbano existem; quando ele parou de contar, estava em quatrocentas.

Thiago Vaz: A minha primeira relação com o Saci eu acho que foi uma coisa muito afetiva, né, uma memória que vem lá de trás, de quando eu ainda estava na Bahia, na casa da minha avó, antes de vir pra São Paulo. E eu lembro que ela brincava muito quando algum pé de laranja se mexia no finalzinho da tarde. Eu sempre me assustava e apontava, né? Mal falava direito. E ela, "xi", fazia assim pra silêncio e dizia que era o Saci. Depois, quando eu já estava em São Paulo, morando aqui na região do ABC, eu não percebia mais a presença do Saci, não escutava. Então eu falei, vou fazer o Saci. Comecei. É um Saci vivo, digamos assim, que está aí, que está na rede, está na atualidade, está na rua e está trocando com as pessoas.

Andriolli Costa: Então ele tá tomando uma dura da polícia, ele tá sofrendo junto com Nossa Senhora Aparecida, porque mataram os irmãos dele. Ele tá enfrentando ali um prédio que está em desocupação. Então o Saci urbano, ele tá ali, sempre presente. E uma vez o Thiago levou o Saci Urbano para Paris, então você encontrava num beco em Paris o Saci urbano. Aí eu digo para as pessoas assim, tenho certeza que para um francês, quando ele olha praquela figura, ele não pensa em nada. Mas o brasileiro que tá na França, por mais que seja aqueles assim, "nossa, odeio meu país, nunca mais, ai eu

espero nunca mais botar os pés no Brasil". Quando ele olha aquela figura de uma perna só, e um chapéu vermelho, por mais que não seja o gorro, seja a boina, ele sabe o que é. Então ali não importa se ele acredita ou não, ele sabe o que é. E ali o Saci existe. E ali o Saci age, age dentro dele.

Thiago Vaz: Ele é o ser sintetizador da nossa identidade cultural.

Tiago Rogero: O Thiago Vaz tem o mesmo medo que me motivou a contar essa história.

Thiago Vaz: Temo que ele possa ser esquecido. Daqui a, sei lá, uma dezena de anos. Mas eu acho que a gente tem que trabalhar isso. Por exemplo, tenho uma filha de cinco anos e ela desde os primeiros dias de vida eu já trabalho a presença do Saci, né? Não que eu tenha fotos, um monte de imagens espalhada aqui em casa. Mas a gente conta muita história, eu invento muita história.

Andriolli Costa: O que eu penso que o Saci é no futuro? Eu acho que o Saci não tem como perder força. Ele pode não ser o mais famoso, mas ele não tem como perder força, porque os aspectos a que ele responde, eles são sempre os mesmos, né? O Saci é um mito da impostura, ele nos ensina ao levantar, a resistir – pelo riso também, a brincar. A quando preciso, também, usar da astúcia para vencer os poderosos. Aqueles que a gente não consegue enfrentar diretamente. Você não vai ver o Saci lutando com alguém de igual para igual, porque a situação nunca é de igual para igual. Ele vai encontrar um jeitinho para fazer isso. E o jeitinho, a gente sabe, é uma estratégia, uma estratégia de sobrevivência. Então o Saci nos ensina isso, ele nos convoca a isso. Então, da mesma forma como os poderosos vão continuar aí, o Saci vai continuar aí.

Branca Vianna: Esse foi o Tiago Rogero, gerente de criação da Novelo.

O segundo ato do episódio de hoje tá um pouco mais pra García Márquez do que pra Monteiro Lobato. E isso até pode parecer uma coisa boa, num primeiro momento. Mas aí a gente lembra que é quase sempre mais legal ler sobre o realismo mágico do que viver dentro dele.

Quem trouxe essa história pra gente foi o Marcos Nascimento.

ATO 2

Maria Regina de Paulo: Eu passei a gostar de Santa Cruz, porque ali, na Nossa Senhora de Conceição, tinha um lema assim, um cartaz lindo que falava assim: "Santa Cruz, tudo o que se planta, dá". Eu disse pra minha mãe que, assim, é uma coisa muito boa.

Marcos Nascimento: Acho que todo mundo já ouviu alguma história assim. De um lugar que um tempo atrás era muito melhor.

Sueli Barreto: Então, como eu sou moradora daqui há 66 anos, eu tenho muita coisa pra contar. Antes nós vivíamos muito bem. Não tínhamos poluição, nós respirávamos um ar puro. Tinha manga, coco e muitas pessoas às vezes até plantava. Era uma mata verde, tinha muitos animais. Eu custei a conseguir uma muda do bambu gigante. Eu falei assim: "Eu vou plantar uma muda de bambu gigante lá atrás que eu gosto de mexer com artesanato. Eu vou fazer um tripé pras plantas, porque eu gosto muito de planta, e o bambu gigante, ele é forte, ele guenta". Eu falei: "Obrigado, meu Deus", eu consegui uma muda, plantei, tá lindo, plantei bananeira, plantei pé de coco, comprei os pés de coco, plantei.

Marcos Nascimento: Santa Cruz. Um bairro do Rio de Janeiro que nem parece zona metropolitana. Um lugar verde, onde tudo que se planta, dá. Ou dava. Até que uma coisa aconteceu.

Maria Regina de Paulo: Começou essa purpurina, essas coisa prateada nas plantas, no chão. É porque o vento traz, né?

Marcos Nascimento: Uma coisa prateada começou a cair em cima das casas, das plantas e das pessoas. Era agosto. Mas não estava rolando nenhum carnaval fora de época.

Maria Regina de Paulo: Eu comecei a notar assim: ué, jogou purpurina no chão.

Marcos Nascimento: Tudo começou quando inauguraram uma usina no bairro.

Sueli Barreto: Aí inaugurou. Aí fizeram aquela festa, imprensa veio, né? Passou na televisão mostrando.

Marcos Nascimento: Mas a purpurina não fazia parte dessa festança de inauguração. Ela começou a cair só depois que a usina já estava funcionando.

Maria Regina de Paulo: Aí todo mundo: "isso não é purpurina não."

Marcos Nascimento: Brilhava, mas não era purpurina. E aí já não tinha mais imprensa cobrindo.

Maria Regina de Paulo: Aí eu falei assim: "ué, por que não mostraram a chuva de prata?"

Marcos Nascimento: A chuva de prata. Foi esse o nome que os moradores deram pra coisa prateada que começou a cair do céu. A sua casa nesse primeiro dia. Como é que ficou já?

Sueli Barreto: Ah, muito suja, você precisava de ver minhas plantas. E queima, tá? Eu tinha dois pés de coco, mas não tá produzindo, já cortei um, vou cortar o outro, que não tá produzindo. Eu tenho pé de goiaba e tem muita flor que eu sempre gostei desde jovem, de muita flor. Se você pegar, assim, deixar uma planta lá no sol que essa fuligem cai na folha e o sol vem, fica tudo assim.

Marcos Nascimento: A planta morre na hora.

Sueli Barreto: Não, queima, fura, atravessa.

Marcos Nascimento: As plantas já eram um problema enorme. Mas não eram o único.

Maria Regina de Paulo: E a coceira, a gente brilhava assim, sabe? Era uns brilho que dava na pele. É uma coceira. É horrível, horrível.

Sueli Barreto: Olha eu tô sofrendo da rinite, sinusite, eu não tinha isso, não aguento mais fazer o trabalho de casa. Eu fiz o tratamento, melhorei um pouco, o médico, sabe o que o médico falou? "Dona, a senhora tem que sair de lá".

Marcos Nascimento: Eu nasci e cresci na Zona Oeste do Rio. Se você não é do Rio, talvez você não conheça, e talvez você nunca nem tenha ouvido falar da Zona Oeste. O Rio não é só praia; não é só Copacabana, Ipanema, Leblon...E definitivamente não é só a Zona Sul.

Tem uma parte da Zona Oeste que talvez você até conheça, mas não sabia que fica na Zona Oeste: a Barra da Tijuca, que também tem praia, que aparece nas novelas e tudo mais. Mas eu tô falando de uma outra Zona Oeste. Nos outros mais de trinta bairros da região.

Eu, por exemplo, nasci em Bangu, que é um bairro que também tem uma história entre o rural e o industrial. Você pode ter ouvido falar por causa do time de futebol,

o Bangu, que foi vice-campeão brasileiro em 85 e é um clube pioneiro na inclusão de jogadores negros no nosso futebol. Ou então você pode já ter ouvido falar de Bangu por causa do complexo penitenciário: Bangu 1, Bangu 2 e por aí vai... por onde passaram boa parte dos ex-governadores do Rio.

Aliás, apesar das unidades prisionais ainda serem chamadas assim, a parte do bairro onde elas ficam virou um bairro novo, com outro nome: Gericinó. É ali que eu moro, pertinho do complexo. E eu sempre tive uma curiosidade enorme pela minha região. Primeiro, por um interesse genuíno, mesmo, porque eu sou bem curioso; e depois pelo trabalho, porque eu sou pesquisador.

Eu já escrevi um livro sobre a história de Bangu, focando principalmente na Fábrica de Tecidos Bangu, que durou mais de 100 anos lá. O nome do livro é "Os portões da fábrica". E, fazendo essas pesquisas, eu acabei chegando a uma conclusão. E já adianto que não é nada boa: eu entendo que a Zona Oeste tem sido usada como uma espécie de campo de experimentos. Tipo um tubo de ensaio pra testes, pra "ver no que dá". Do tipo: vem pra cá aquilo que a cidade não quer; ou então alguma coisa de que a cidade precisa, mas que não quer saber de onde vem, ou como vem ou por quem foi feito. Pra essas coisas desagradáveis não contaminarem o cartão postal do Rio de Janeiro.

Sueli Barreto: Eu fui crescendo, né, me tornei adolescente e jovem e casei, vim morar aqui aonde eu estou residindo hoje na Avenida...

Marcos Nascimento: Esta é a Sueli Barreto, uma das duas mulheres que a gente tá ouvindo aqui desde o começo. Ela mora em Santa Cruz, que é o bairro mais distante do Centro do Rio. Mais até que Bangu.

Santa Cruz fica no quilômetro final da Avenida Brasil. É ali que o município acaba, ou começa – depende da sua visão do mapa. E o fim do mapa é sempre um lugar imprevisível. Um espaço onde parece que as regras de sempre deixam de valer. Nos mapas da antiguidade – antes das grandes viagens transatlânticas e do começo das colonizações – sobrava muito espaço em branco no fim do mapa. Aquele espaço vazio era o desconhecido. E, pra marcar onde a autointitulada civilização acabava e a presumida barbárie começava, os cartógrafos começaram a desenhar. Monstros, gigantes, quimeras.

Hoje a gente não desenha mais monstros no mapa, porque com as grandes navegações – e com os aviões, os satélites, o GPS, o Google Maps – dá uma sensação de que tá tudo dominado, né?

Mas pensando nessa história – da zona oeste como tubo de ensaio – eu lembrei de uma frase que ficou marcada dessa prática dos mapas antigos: hic sunt dracones. Aqui há dragões.

O lugar que até pode estar no Google Street View, mas onde as autoridades não gostam de pôr o pé, e que muita gente prefere pensar que não existe. Ali, tem monstros. Ou, se não tem, talvez a gente ponha.

Santa Cruz era uma região conhecida como "Piracema" pelos povos indígenas que viviam ali – e "piracema" é um termo que a gente usa até hoje pra falar da época da reprodução dos peixes, mas é uma palavra que vem do tupi-guarani. Significa “saída de peixe”.

Ou seja, Santa Cruz era um lugar com muito peixe. Com a chegada dos jesuítas e dos portugueses, ela virou a sede de uma fazenda gigantesca que serviu de Convento; e depois acabou sendo usada como casa de veraneio pra família imperial – onde trabalhavam milhares de pessoas escravizadas.

Mais tarde, o Matadouro Imperial também veio pra região, centralizando o abate dos animais que alimentavam a cidade. E pensa no que isso significa. Durante décadas, o que saía do matadouro era escoado a céu aberto num canal, que, por motivos óbvios, ficou com o nome de “Vala do Sangue”. O cheiro de morte pairava pelo bairro até que decidiram fechar o abatedouro.

Nos anos 70, Santa Cruz acabou virando um distrito industrial. Empreendimentos bilionários começaram a se instalar lá com máquinas e tecnologias de ponta. O bairro era um ponto estratégico pra essas grandes indústrias explorarem recursos naturais sem freio nenhum. Porque ele fica próximo da Baía de Sepetiba, do Porto de Itaguaí, e com uma linha de trem disponível.

Sueli Barreto: Então a TKCSA, ela chegou pra arrebentar Santa Cruz.

Marcos Nascimento: E é essa a história que a gente tá contando aqui: de quando a TKCSA chegou a Santa Cruz, num passado bem recente: já depois dos anos 2000.

TKCSA quer dizer ThyssenKrupp Companhia Siderúrgica do Atlântico.

A ThyssenKrupp é um grupo empresarial alemão que surgiu da fusão de duas empresas tradicionais de aço, a Thyssen e a Krupp. A Krupp tem uma ligação antiga com o Brasil: ela vendia diretamente pro Dom Pedro II, e também produziu canhões de aço tanto pra Guerra do Paraguai quanto pro Massacre de Canudos. E a Krupp também ganhou muito dinheiro produzindo munições e canhões pro governo da Alemanha nazista

Mais tarde, no final dos anos 90, a Krupp se fundiu com a Thyssen – e, alguns anos depois, no começo dos anos 2000, a ThyssenKrupp se juntou com a brasileira Vale, e elas juntas criaram a TKCSA. É muito nome, né? Mas o importante aqui é que foi

assim que elas construíram o maior complexo siderúrgico da América Latina. Em Santa Cruz.

Basicamente, a usina era pra produzir placas de aço que são usadas pelo mundo pra várias coisas – mas principalmente em automóveis e na construção civil. Ou seja: um carro lá na Alemanha pode ser montado com placas produzidas em Santa Cruz. Um prédio que tá sendo erguido nos Estados Unidos, também. A construção da siderúrgica começou, de fato, em 2006.

Sueli Barreto: Rachou o chão, entendeu?

Marcos Nascimento: Os fundos da casa da Dona Sueli, onde ela tinha a hortinha dela, dão pro terreno onde a usina foi construída.

Sueli Barreto: Aí começou o bate estaca, bate estaca. Menino, era noite e dia. A gente não dormia, aquela batida. Eu falei: "meu Deus, a gente não tem mais nem como dormir mais". E bate estaca o som vai longe. E era muita obra que eles estavam fazendo. Rebentaram tudo, arrancaram tudo, limpavam assim o aterro, aquelas raiz de árvore que enxergava ali atrás, fazia assim. Aquelas árvore antiga né? A gente apanhava lenha aí atrás. Aplainaram tudo, daí a pouco a gente tá só vendo caminhão entrando, caminhão entrando, é caminhão com cimento para poder bater. Aquelas máquinas. Meu irmão trabalhou aí dentro 2 anos.

Marcos Nascimento: Em junho de 2010, depois de quatro anos de obra, a usina foi inaugurada, com as presenças ilustres do então governador do Rio, o Sérgio Cabral, e do presidente Lula, que tava no segundo mandato dele. O terreno tinha sido doado pela União, e ainda rolou mais um incentivo: dez anos de isenção de impostos.

Maria Regina de Paulo: Só que falaram pra gente que era um progresso, que a gente ia ficar numa boa. Entendeu?

Marcos Nascimento: Essa é a Maria Regina de Paulo, também moradora de Santa Cruz, e que a gente também ouviu mais cedo.

Maria Regina de Paulo: Vai vir uma empresa enorme pra cá que vai oferecer emprego pra todos daqui de Santa Cruz. Realmente, muita gente aqui ganhou muito dinheiro ali no começo. Deu emprego pros moradores daqui de Santa Cruz toda. Só que depois que ela começou a funcionar, a gente começou a notar, assim, umas partículas prateada. A gente não sabia o que que era, de onde tava vindo essa purpurina.

Marcos Nascimento: A chuva de prata.

Maria Regina de Paulo: A Dona Sueli numa reunião levou pra gente. "Gente, que coisa prateada é essa? Com os pedaços assim!" "Ué, Dona Sueli na minha casa também tem." E foi assim – "na minha casa também tem", "na casa do outro também tem." A gente não sabia o que que era, de onde tava vindo essa purpurina.

Marcos Nascimento: Essa comparação com a purpurina pode até passar uma ideia de beleza. Mas num era assim. Parecia meio que asfalto em pó misturado com uns pontinhos prateados. Tem foto da época lá no site da Rádio Novelo.

Bom, e pra explicar o que era a tal da chuva de prata, afinal, primeiro eu preciso contar um pouco de como funciona uma siderúrgica.

Nas usinas, existe uma coqueria, que é onde ficam uns fornos de alta pressão abastecidos com muito carvão que queimam o dia inteiro.

Esse carvão literalmente cozinha o minério de ferro. É o momento em que o aço fica quase em estado líquido.

Parece aquela cena do vilão do Exterminador do Futuro 2, sabe? Aquele ciborgue assassino que fica mudando de forma como um metal líquido.

Daí o aço vai se solidificando e formando umas placas.

E aí começa um processo de refinamento dessas placas, em que elas passam por variações de temperatura: quente e frio, quente e frio.

E, no fim desse processo, quando as placas são expostas ao ambiente junto com as sobras do aço, entram em contato com o ar livre e daí são formadas muitas partículas – os resíduos que vão cristalizando ali.

Tipo: sabe o pelinho branco que fica na roupa preta quando cê tira ela da máquina de lavar?

As partículas seriam como aquele pelinho branco – só que do aço. As sobras e impurezas do processo de refinamento.

Se o filtro da usina tivesse funcionando como deveria, essas partículas iam ficar retidas, barradas nele. Ou se ficassem em lugar mais adequado isso também não aconteceria. Mas elas acabaram sendo levadas pelo vento, formando a chuva de prata que caiu sobre Santa Cruz.

Era como se o bairro inteiro tivesse virado um daqueles globinhos de neve, que você sacode e os flocos vão caindo sobre as casinhas. Só que quem tava sacudindo era a siderúrgica. E o resultado não era exatamente bonito.

Flávio Rocha: A gente via a olho nu, um pó de ferro parecido com grafite em cima das nossas casas, em nossas ruas.

Marcos Nascimento: Esse que a gente tá ouvindo agora é o Flávio Rocha. Ele é cientista social, e tá estudando o caso da chuva de prata desde 2016. O TCC e a dissertação de mestrado dele foram sobre os conflitos ambientais em Santa Cruz.

Flávio Rocha: E isso aconteceu porque houve um problema no alto forno 2 da siderúrgica e, enfim, a empresa, ela justificava na época, dizendo que essa fuligem não fazia mal pra saúde, que ela era só grafite. E as pessoas questionavam: "Você por acaso gosta de respirar grafite? Mesmo que seja grafite, isso não é benéfico para a saúde. A gente precisa de um ar de qualidade." E se a gente olhar os gestores da siderúrgica, eles não moram em Santa Cruz. Eles moram nos territórios de maior IDH da cidade, os mais valorizados. Então eu acho bem curioso que esse tipo de absurdo não aconteceria em territórios ditos mais valorizados.

Marcos Nascimento: Rolaram pelo menos três casos da chuva de prata. Dois logo depois da inauguração, em 2010, e um em 2012.

Aquele foi um período bem marcante do Rio. Não só a cidade como o país inteiro estavam no auge daquele glamour esperançoso pré-Copa de 2014 e Jogos Olímpicos de 2016. Era tanto confete, que a chuva de prata parecia ornar bem naquele clima.

Mas, no fim, ela acabou sendo mesmo um presságio de tudo o que tava por vir. Do desperdício. Da destruição. Dos esqueletos que iam ficar pra trás.

Flávio Rocha: E, desde a inauguração dessa empresa, a gente vê constantemente reclamação de problemas respiratórios – e não só. Problemas dermatológicos. A gente vê na água partículas de pó de ferro.

Marcos Nascimento: Por mais absurda que seja a ideia de uma chuva de restos de aço fundido caindo sobre a cabeça das pessoas, e sendo respirada pelas pessoas, né. Esse não foi o único problema que a instalação da usina em Santa Cruz gerou.

Flávio Rocha: O impacto da ferrovia, que passa muito próximo das casas, ferrovia que em outras épocas servia pro transporte de passageiros.

Marcos Nascimento: Lembra que mais cedo eu falei de uma linha de trem? É por ela que o minério chega, e é por ela que o aço sai. São trens pesadíssimos circulando constantemente, perto da casa das pessoas.

Flávio Rocha: E, assim, tem rachadura nas casas, tem poluição sonora, fora o minério que também evapora desses, dessas locomotivas. A gente também teve a enchente no Conjunto Habitacional São Fernando, tivemos a construção de uma barragem que impedia a passagem dos pescadores. Então o grupo de pescadores da Baía de Sepetiba, quanto dos rios da região de Santa Cruz que deságuam na Baía foram os primeiros a perceber os impactos antes mesmo do início da operação da CSA. Eles começaram a ver que estava ocorrendo a mortalidade de peixes, que os peixes estavam adoecidos e quando eles conseguiam pescar, já era uma menor quantidade. Então eles começaram a falar: "Essa empresa vai trazer problema pra gente". Depois, com a operação da siderúrgica, começam a ser depositado rejeitos de minério de ferro nos rios e os peixes começam a vir com com pózinho de ferro nas guelras, enfim, dentro deles. E o caso mais emblemático é a Chuva de Prata, que, enfim, colocou o conflito da siderúrgica de Santa Cruz no mapa dos conflitos ambientais.

Marcos Nascimento: Empresa jogando coisa tóxica na água e na terra, fumaça, barulho... tudo isso, por terrível que seja, a gente meio que naturalizou, né? É tão comum que não chama a atenção.

Mas a purpurina da usina de Santa Cruz foi o toque de realismo fantástico que levou o caso pra outro patamar. O brilho da chuva de prata foi o que jogou luz sobre esse absurdo. E toda vez que rola um empreendimento desse tipo, o discurso oficial costuma ser sempre o mesmo, né? "Ah, mas vai gerar muito emprego. Guentaí que vai valer a pena." Só que fica muita coisa de fora dessa equação.

Flávio Rocha: Esse discurso do emprego ignora outros tipos de emprego e outros tipos de subsistência. Ali também é uma área de agricultura e de pesca. Só que a lógica industrial impõe que só a industrialização é importante para a empregabilidade e a única forma de ganhar dinheiro. Mas não, cara, tinha gente que vivia da pesca e tava tudo bem. Conseguia pagar suas contas, conseguia comer bem, conseguia alimentar seus filhos, conseguia ter um lazer que o lazer também é um direito importante.

Marcos Nascimento: A TKCSA recebeu multas ambientais e foi alvo de investigações dos Ministérios Públicos Estadual, Federal e do Trabalho.

Além de pagar indenizações, a empresa também deveria investir em ações de saúde e educação, pra minimizar os danos que ela causou.

A empresa começou a custear até festas coletivas de casamento, que tinham o curioso nome de casamentação. Tudo bem que esse é geralmente o nome desse tipo

de celebração coletiva, mas não deixa de ser uma ironia bizarra essa união entre casamento e aço.

Bom, mas tem outra coisa. Nesse tempo todo, a usina estava operando sem todas as licenças que deveria ter.

Flávio Rocha: Então existem três, três licenças: A licença prévia, a licença de instalação e a licença de operação. A ThyssenKrupp funcionava sem uma licença de operação. Ela funcionava só com a licença de instalação. Em 2017, ela consegue a licença de operação. A partir do momento que ela consegue a licença de operação, ela vende a siderúrgica para o grupo Ternium.

Marcos Nascimento: O grupo Ternium, que comprou a TKCSA em 2017, é uma empresa ítalo-argentina que também trabalha com aço. Desde então, eles assumiram a operação da usina.

E a chuva de prata?

Maria Regina de Paulo: Hoje são partículas tão minúsculas que você não vê, mas o chão da sua casa vê, entendeu? A gente respira isso. Fora o cheiro que tem.

Marcos Nascimento: Aqui de novo a Maria Regina de Paulo, que mora em Santa Cruz.

Maria Regina de Paulo: É um cheiro horroroso que tem no ar. É um óleo queimado, fora a fumaça que eles... a gente... Tipo 07h30, 9h, 9 e pouco. Eles soltam uma fumaça no ar. Alaranjada.

Marcos Nascimento: A Regina faz parte do coletivo Martha Trindade, um grupo de moradores que entrou com uma ação conjunta contra a usina.

Maria Regina de Paulo: E a gente tá lutando contra um gigante que ganhou a primeira vez, que agora a gente tá recorrendo de novo.

Marcos Nascimento: Na época de maior repercussão das denúncias, ali nos primeiros anos de funcionamento, a resposta padrão da empresa costumava ser que a chuva de prata não era tóxica, e que representava só um incômodo pros moradores; sem risco de provocar nenhuma doença.

A gente procurou a atual dona da usina, a Ternium, e enviou uma longa lista de perguntas com cada ponto que a gente apresentou aqui.

A empresa respondeu com uma nota, informando que, abre aspas: "tem a sua produção baseada na sustentabilidade e na transparência e que já investiu 350 milhões de reais em projetos de meio ambiente e planeja aplicar mais 680 milhões até 2030 para continuar evoluindo com o seu desempenho ambiental". Fecha aspas.

Além disso, a Ternium informou também que a empresa, abre aspas, "adota um rígido controle das emissões, respeitando os limites previstos na sua licença ambiental, que foi renovada pelo INEA em novembro de 2022. Em 2020, a Ternium inaugurou um novo Centro de Monitoramento Ambiental, em que as informações são monitoradas em tempo real e compartilhadas com a autoridade ambiental". Fecha aspas.

Desde a instalação da usina, os moradores de Santa Cruz já moveram mais de duzentas ações judiciais contra a siderúrgica. Desde 2010 eles contam com a ajuda do Instituto de Políticas Alternativas para o Cone Sul, o PACS, que é uma organização que trabalha com casos ambientais e de justiça social.

Marcos Nascimento: A senhora já chegou a ter alguma consulta médica por causa de algum problema respiratório que teve?

Maria Regina de Paulo: Aí fala que é alergia, alergia. "Ah toma um antialérgico, um metazona", mas o profundo mesmo não fazem não.

Marcos Nascimento: Talvez, depois de ouvir tudo isso, cê esteja pensando naquilo que eu falei lá no começo, de que pra mim a Zona Oeste do Rio de Janeiro é usada como uma espécie de campo de experimentos. Uma grande área de despejo por trás do cartão postal.

O Flávio Rocha, que a gente ouviu mais cedo, usa uma outra expressão pra isso. É um conceito que surgiu nos Estados Unidos: "Zonas de Sacrifício".

Flávio Rocha: Um território que ele é sacrificado em prol do desenvolvimento. A hora que a gente pensa como que as empresas escolhem, onde vão ser alocadas, onde vão ser implantadas, os gestores consideram as necessidades e as vulnerabilidades de cada território, de cada região. A gente sabe que uma siderúrgica não seria implantada nos Jardins de São Paulo, não seria implantado no Leblon, não seria implantado na Barra da Tijuca. Então, na hora de implantar uma siderúrgica, foi considerada uma região com o quarto menor IDH da cidade, ou Índice de Desenvolvimento Social, que perde apenas para a Cidade de Deus, Acari e Complexo do Alemão.

Marcos Nascimento: E, num país racista como o Brasil, menor IDH, o Índice de Desenvolvimento Humano, vem acompanhado de outro aspecto. E é nesse ponto que o conceito de "zona de sacrifício" encontra outro conceito: o de "racismo ambiental".

Flávio Rocha: Santa Cruz tem 64% da população negra, de acordo com os dados do IBGE e dados da Prefeitura do Rio. Quando a gente fala de questão racial no Brasil, em diálogo com ambiental também é necessário pensar os processos territoriais. O que que faz de um território, um território negro? É um território que foi composto, foi produzido para pessoas negras. Se a gente for pensar o pós-abolição, o pós-abolição faz com que as pessoas não tenham a propriedade, ou são negadas a esses grupos que foram libertos, com muitas aspás, no processo abolicionista. E o que restou a essas pessoas? As favelas. Quem não foi pras favelas, foi pra lugares mais distantes. E a gente pode olhar as políticas que tiveram no decorrer do século XX. Políticas de remoção. Políticas de incentivo à moradia popular mais no final do século XX que levou as pessoas para a Zona Oeste. E esses processos, e esses fluxos migratórios, faz com que pessoas periféricas, que a gente sabe que as pessoas mais pobres e periféricas são majoritariamente negras, migrem para a zona oeste da cidade. E é isso. E aí a gente converge com o termo de, com o conceito de zona de sacrifício. Que é isso? Essas pessoas vão receber um processo de industrialização, vão receber, vão ser sacrificadas, vão ter sua água, seu solo, o seu ar sacrificado em prol do enriquecimento de grupos superiores no sistema de classes, no sistema racial.

Marcos Nascimento: Pra que um carro possa ser fabricado lá na Alemanha; pra que um prédio possa ser erguido lá nos Estados Unidos; um bairro da periferia do Rio é sacrificado.

Na época em que estavam construindo a usina, em nenhum momento ninguém consultou as pessoas pra saber se elas queriam que uma siderúrgica fosse erguida ali. Até teve audiências públicas, mas o aviso chegava mega em cima da hora e a maior parte dos moradores não conseguiu comparecer.

Tenta construir uma estação de metrô num bairro rico de São Paulo pra ver o que acontece.

Flávio Rocha: Quem dita o que, o que é bom e o que é desenvolvimento é a empresa. Não tem a voz dos moradores. Eles constroem uma história do território a partir deles.

Marcos Nascimento: Eu perguntei pro Flávio o que que ele acha que dá pra esperar do futuro em Santa Cruz.

Flávio Rocha: Eu vejo um bairro cada vez mais quente os transportes públicos estão cada vez mais escassos na região, a escassez hídrica é cada vez mais visível, todos os dias falta água nas casas. E essa empresa consome mais de um milhão de litros de água por ano, isso é dez vezes mais do que a população da cidade inteira consome. Acho que vai ter um aumento expressivo de doenças, não só respiratórias e dermatológicas, mas falo também de câncer, a gente tá bebendo uma água que tem minério de ferro, a gente sabe que cada vez mais o óbito vai ser uma realidade, isso é bem triste, bem triste mesmo.

Marcos Nascimento: Eu acho que, pra muita gente, não vai ser problema algum se tudo isso acontecer na Zona Oeste do Rio.

E, de muitas formas, essa é a história de outras periferias pelo Brasil, e pelo mundo. Outras zonas de sacrifício.

A gente sabe que a contaminação do ar, de forma geral, faz mal. Ela tá ligada à redução de expectativa de vida e tudo quanto é tipo de problema de saúde.

Mas foi só recentemente que a primeira pessoa do mundo teve a contaminação do ar registrada como causa mortis.

Foi uma menina negra. O nome dela era Ella Kissi-Debrah. Ela tinha asma, morava perto de uma estrada gigantesca em Londres, e ela acabou morrendo de insuficiência respiratória. A mãe dela lutou por sete anos pra conseguir um laudo que comprovasse que isso tinha relação com o ar contaminado da cidade.

Nessa altura do campeonato, cê não vai se surpreender se eu te disser que a Ella morava num dos bairros mais negros da cidade.

As pessoas de fora só costumam lembrar da minha região, do meu Rio de Janeiro à margem do cartão postal, como um problema.

O que pouca gente fala é que, quando esses problemas realmente existem, geralmente eles foram trazidos pra cá por alguém que não mora e nem nunca morou aqui.

Pra mim, e pra muita gente, a Zona Oeste não é um problema. Ela é uma das poucas áreas do Rio em que eu olho pro horizonte e não me sinto sufocado por prédios, construções.

A Zona Oeste é urbanizada, mas tem mata também. Muita mata. A maior floresta urbana do mundo fica na Zona Oeste: o Parque Estadual da Pedra Branca, que é maior por exemplo do que o Parque da Cantareira, em São Paulo, ou que a Floresta da Tijuca, também no Rio.

A gente pode tá à margem do "desenvolvimento", entre aspas – mas, no meu campo de visão, as margens são sempre livres. O que pra algumas pessoas pode ser uma grande zona de despejo, eu chamo de lar. Um lar que eu não tô disposto a sacrificar.

Branca Vianna: Esse foi o Marcos Nascimento, colaborador da Rádio Novelo. Obrigada por ouvir mais este episódio do Rádio Novelo Apresenta.

Você, que ouve sempre o Apresenta, sabe que toda semana a gente posta conteúdo extra sobre as histórias no nosso site. Essa semana tem fotos da chuva de prata e estudos sobre o caso, e links pro trabalho do Andriolli, o saciólogo que o Tiago entrevistou.

Vira e mexe alguém pede a transcrição de algum episódio, seja pra dividir com alguém que tem uma deficiência auditiva, seja pra um trabalho de pesquisa... e a boa notícia é que todos os episódios são transcritos, e também são lá no nosso site. Tem um botãozinho na página de cada episódio.

Se você gostou desse episódio, conta pra gente! Pode ser no Instagram, no Spotify, no Twitter, por email... a gente tá sempre aceitando elogios! E críticas também, vai. Elas ajudam a gente a melhorar. Agora, se quiser mandar alguma sugestão de história, o nosso inbox tá aberto também: é só escrever pra apresenta@radionovelo.com.br.

O Rádio Novelo Apresenta é um original da Rádio Novelo. A gente tem o apoio da Open Society Foundations. Tem episódio novo toda quinta-feira. A direção criativa é da Paula Scarpin e da Flora Thomson-DeVeaux, e a produção executiva é do Guilherme Alpendre. A gerência de criação é do Tiago Rogero, a executiva é da Marcela Casaca e a de produto e audiência é da Juliana Jaeger. Nossos produtores sênior são o Vitor Hugo Brandalise, a Évelin Argenta e a Bia Guimarães. As produtoras da nossa equipe são a Bárbara Rubira, a Júlia Matos e a Natália Silva. A checagem deste episódio foi feita pelo Bruno Lima. A sonorização é do Tiago Rogero e da Bia Guimarães. A mixagem é do Pipoca Sound. O desenvolvimento de produto e audiência é feito pela Bia Ribeiro. O Gilberto Porcidonio é o responsável pelo conteúdo e engajamento das nossas redes sociais. O design das nossas peças é do Mateus Coutinho.

Obrigada, e até a semana que vem.